





Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais

Renato Alencastro Moll

**“PODEROSO E SOLITÁRIO”**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade de Brasília (UnB)  
como requisito para obtenção do título  
de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo de Almeida Cruz

Brasília  
2023







## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu pai, irmãos, familiares, amigas e amigos, que sempre me estimularam a desenhar e ajudaram a viabilizar as minhas ideias. Em especial à minha mãe, Maria Clara, que é a minha grande inspiração no desenho, desde quando customizava a capa dos meus caderninhos da escola, e à minha irmã Gabriela, apoiadora de todos os meus sonhos.

Quero agradecer à Cláudia Almeida, que me deu o impulso que faltava para que eu pudesse concluir este ciclo. À minha companheira Juliana Borgê, grande referência na história da arte urbana no DF, que me ajudou na produção deste trabalho. Ao Ygor Chaves, amigo e parceiro, que acreditou nas minhas ideias e colaborou intensamente neste projeto. Ao meu orientador, o professor Rodrigo de Almeida Cruz, artista talentosíssimo, que me conduziu de maneira suave por essa jornada rumo à diplomação.

Quero agradecer também à todas as pessoas, bebês, cachorros, gatos, passarinhos, e ao céu de Brasília, que, direta ou indiretamente, contribuíram para este trabalho e para que eu tivesse a força e recursos para realizá-lo.

Amo vocês!





“Artigo Décimo Primeiro

Fica decretado que o dinheiro não poderá nunca mais comprar o sol das manhãs vindouras.  
Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal  
para defender o direito de cantar e a festa do dia que chegou.”

Trecho de “Os Estatutos do Homem”, de Thiago de Mello (1964)



## INDÍCE

INTRODUÇÃO	07
SOBRE O PERSONAGEM	09
RESUMO DA NARRATIVA DO “COMEDOR DE ÁRVORES”	12
CONEXÕES	14
APRESENTAÇÃO	21
QUADRO-CHAVE	22
LOCAL	25
“PODEROSO E SOLITÁRIO”	26
PINTURA	28
GALERIA	33
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36



**O Comedor de Árvores** (2010)  
Acrílica sobre tela, 70cm x 90cm

## INTRODUÇÃO

A intervenção urbana não é uma novidade para a universidade, existe uma variedade de trabalhos acadêmicos sobre o tema. Não é de hoje que as pessoas vêm se interessando por abordar as questões desse universo, por meio de diferentes pontos de vista. Desde aspectos históricos, sociológicos e políticos até os aspectos conceituais e artísticos, o uso do espaço comum, das ruas e das estruturas públicas e privadas como suporte para expressão, há décadas gera interesses conflitantes acerca, por exemplo, da questão da propriedade privada, da organização das cidades, da marginalização de corpos, principalmente das pessoas pretas, mulheres e demais pessoas em situação vulnerável.

A arte urbana é democrática, na medida que está disponível para todas as pessoas que transitam pelas cidades. Uma característica marcante das intervenções urbanas é que boa parte delas questiona o sistema vigente ou existe, de certa maneira, para incomodar, para questionar determinadas estruturas. Para muitas pessoas que realizam intervenções pelas cidades, entretanto, colocar a sua assinatura, a sua poesia, a sua identidade é uma forma de passar a existir, de ganhar visibilidade e lutar contra o apagamento da sua existência. Para mim, as ruas são uma galeria de arte em constante transformação. Fazer, observar e analisar os graffiti nas cidades, por exemplo, sob diferentes ângulos, nos conecta com elementos socioeconômicos e culturais diversos.

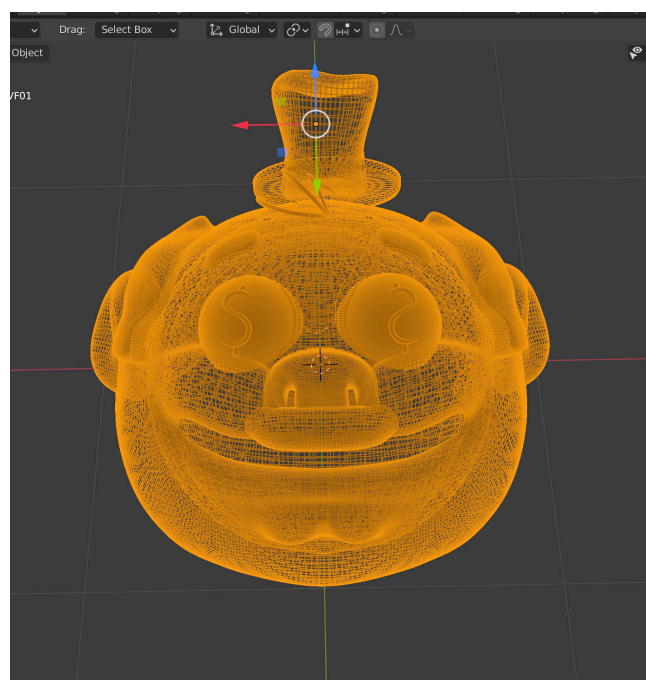
Este trabalho, portanto, não irá adentrar na revisão da literatura sobre a temática da intervenção urbana e terá como foco o processo de experimentação prática no contexto da realização de minha obra artística, inspirada pela história do “Comedor de Árvores”, que retrata um personagem ambicioso, que acumula todos os recursos naturais do planeta enquanto amplia o seu império financeiro. Trata-se de um ensaio sobre o desenvolvimento da estética, poética e narrativa de um personagem que tem uma grande conexão com a arte urbana em sua essência. Nesse sentido, um dos objetivos deste trabalho é apresentar um pouco de sua história, os elementos visuais, as referências artísticas, as conexões com outras obras, as reflexões que vêm a partir da sua figura e também relatar o processo da intervenção urbana que deu origem aos registros para a composição da obra que será apresentada na galeria, durante a exposição de diplomação.



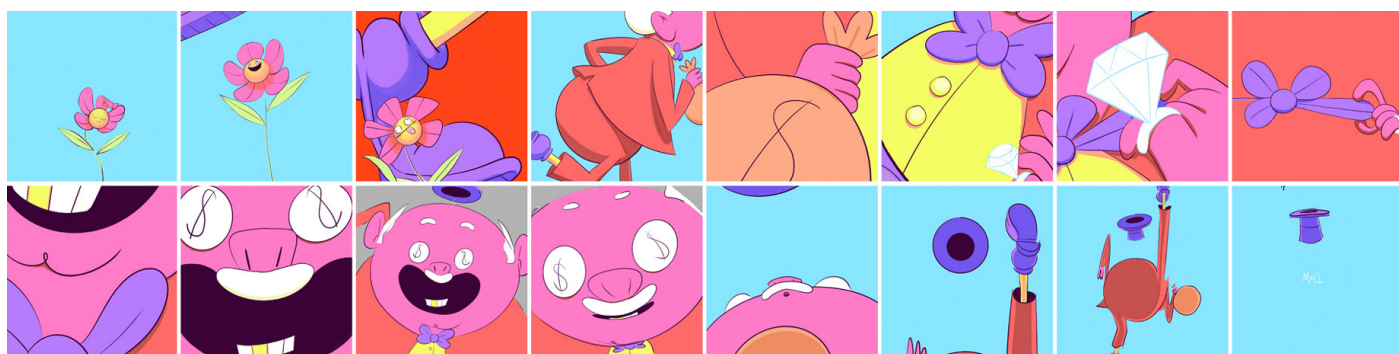
Graffiti realizado na Asa Norte, em Brasília, pelos artistas Gabriel Luan, NoFun e Renato Moll, em 2011.



Intervenção urbana realizada na Asa Norte, em Brasília, em 2018. Foto por Gregório Soares.



Modelo 3D, esculpido com auxílio de equipamento de realidade virtual, em 2020.



Vinheta animada em loop, com 8 segundos de duração. (2023)

## **SOBRE O PERSONAGEM**

Desde 2010, a figura do “Comedor de Árvores” ronda o meu imaginário. Um velhinho voraz, esfomeado, insaciável, louco por consumir toda a natureza, enquanto se abastece de mais e mais dinheiro. Sua figura é um escracho. É um cara versátil, que causa sentimentos conflituosos, porque às vezes é engraçado, fofo, midiático, harmonioso, quase inofensivo, mas sempre tem um pé atrás, um incômodo, um alerta. Muitas vezes é literalmente retratado como o vilão, bestial, feroz, e em outras vezes como uma figura simpática, carismática e atraente.

Surgiu como uma pintura em tela, no ano de 2010, e, naturalmente, pela força de sua imagem, passou a fazer parte do meu repertório artístico em arte urbana e diferentes meios de expressão. Com o avanço do estudo sobre o personagem, e uma investigação cada vez mais profunda acerca de sua simbologia, que já se manifestava, a mim e ao público, de forma poética, como uma revolta contra os desequilíbrios estruturais do nosso sistema, e depois de anos me relacionando com esse emaranhado de informações visuais, o “Comedor de Árvores” ganhou alma e uma história para contar.

Habitat preferido do personagem, foi nas paredes onde ele mais se desenvolveu. As mais diversas estruturas das cidades desafiam a criatividade, para cada espaço novo contar um pouquinho mais sobre ele, se adaptando aos formatos, texturas e contextos do ambiente urbano.

Ao passar dos anos, diversas técnicas foram empregadas para estruturar e consolidar as possibilidades visuais que o personagem carrega. Algumas experiências com auxílio de aparatos de realidade virtual, modelagem 3D e realidade aumentada, além de ilustrações digitais e animações, foram fundamentais para elaborar a estética e evoluir a narrativa visual dos elementos que o compõem e os cenários onde o personagem está inserido.

Ele tem nome completo, passado, presente e futuro. O “Comedor de Árvores” tem vida e personalidade. De fato, não é uma crítica genérica ou uma “pessoa” abstratizada, que carimba as ruas por aí. O seu nome é Nicolau dos Santos Pascoal, o “Nick Santos”, do “Nick Show”! Uma figura sem limites, sem fronteiras, sem noção, e com muita vontade de viver, de “crescer” na vida, o que quer que isso signifique, e que passa a ter sua caricatura exposta por todo lado, por parte da indignação do povo nas ruas, contra o império de seus monopólios.

Por meio de situações diversas, adaptadas a inúmeros contextos, o “Comedor de Árvores” vai espalhando inquietações acerca da sua própria existência e sobre o que ele representa, para além da simbologia que carrega: sacos de dinheiro, figurino espalhafatoso e luxuoso, flores, abelhas e árvores disputando espaço com cifrões e brilhantes.



Algumas intervenções urbanas, realizadas em Brasília, entre os anos de 2015 e 2022.

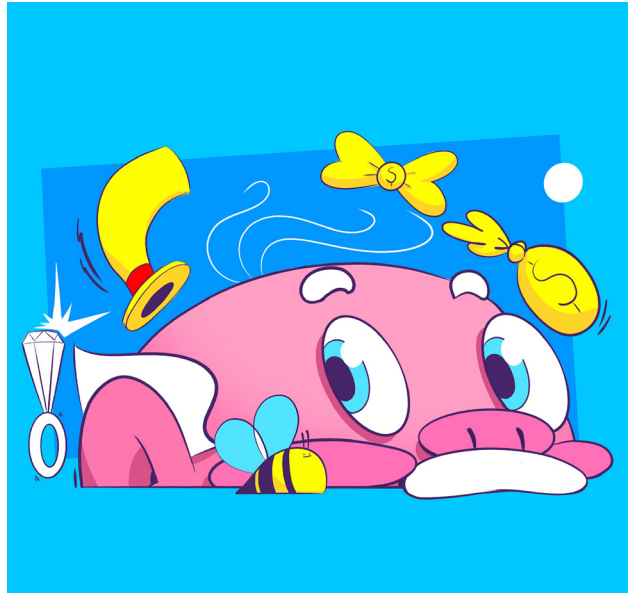




**O Pesadelo do Comedor de Árvores** (2020)  
Aquarela sobre papel, 24cm x 16cm



**Sem título** (2016)  
Esmalte sintético e acrílica sobre tela, 80 x 100cm



Estudo digital realizado em 2023.



Estudos de ilustração digital e modelagem 3D, com auxílio de equipamento de realidade virtual, realizados em 2020.

## RESUMO DA NARRATIVA DO “COMEDOR DE ÁRVORES”

Nascido em berço de ouro e muito protegido pelos pais, o espalhafatoso Nicolau Santos se tornou o apresentador do programa de auditório “Nick Show” na TV Tupã. Distribuindo prêmios e pirulitos de coração na televisão, Nicolau encontrou um jeito próprio de conquistar seu público.

Após a morte do pai, o apresentador assina uma procuração que confere totais poderes ao advogado Dr. Muller sobre os negócios da família: o Grupo Tupã, um conglomerado mundial de empresas de celulose e de comunicação. A holding não para de crescer e consumir os recursos do planeta.

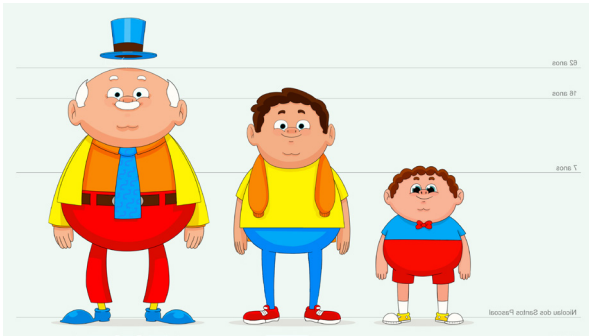
A história ganha contornos do realismo fantástico quando o corpo de Nicolau também se expande e passa a ocupar mais espaço do que deveria. Como gigante, Nicolau se transforma em um símbolo de opressão, criticado pelos principais canais midiáticos e alvo de manifestações populares.

O personagem que, desde pequeno vivia em uma bolha social, se torna mais recluso ainda. Compra um aeroporto e enche os hangares com o seu dinheiro. Logo a população cerca o aeroporto para manifestar contra a injustiça social.

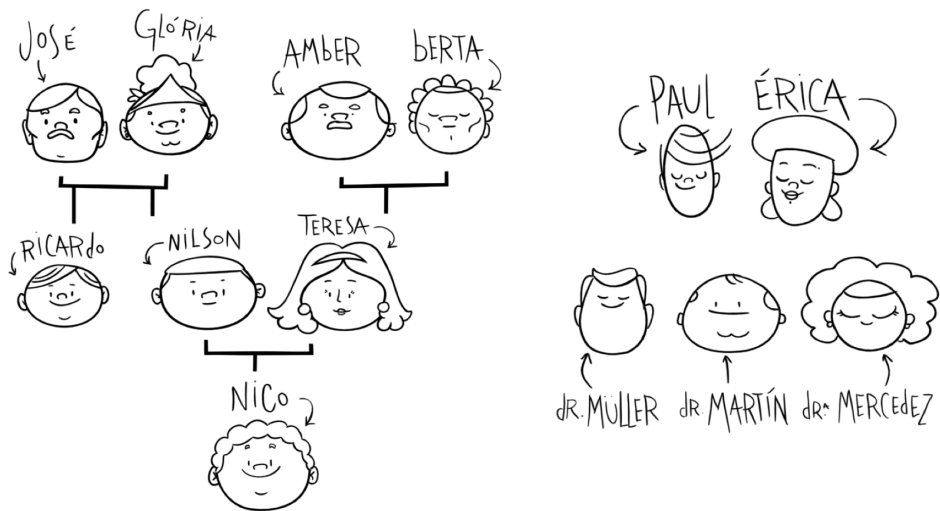
Nicolau se sensibiliza com a situação quando vê o filho de um velho amigo na tevê, em meio aos manifestantes durante a cobertura jornalística do ato. Com acesso restrito a alimentos e água potável, o jovem está nitidamente doente e seu fim pode ser fatal. Nicolau rasga a procuração e imediatamente começa a diminuir de tamanho. Abre as portas dos hangares e a população corre em direção ao dinheiro.

Há uma inversão de expectativas quando, em vez de se unirem vitoriosos com o fim da opressão, os manifestantes começam a brigar entre si para acumular a maior quantidade possível de dinheiro. No final, Nicolau não era a grande causa da opressão, mas o sistema, e o ódio por sua figura desapareceu.





Estudos digitais realizados em 2019.



Estudos da árvore genealógica e outros personagens da trama, realizados em 2019

## CONEXÕES

Marcos Beccari traz uma reflexão muito oportuna sobre a intersecção entre as novas mídias, as pulsões culturais, frutos da urbanização e da globalização, e os espaços tradicionais, que acredito ser um ponto de partida fundamental para a compreensão dos desdobramento desta obra, e suas conexões:

“Do grafite aos gifs animados, mas também do Louvre ao Instagram, propagam-se obras e experiências sem o menor compromisso com os rigores da arte ou com a consciência de sua história. Não se trata de vanguardas, não se trata de naïfs, é antes um processo heterogêneo e desordenado que revigora as sensações afetivas que estabelecemos com o mundo. Como assinalou Celso Favaretto (2011, p. 105), ‘É no deslocamento assim produzido que se localiza [...] o nexo entre arte e vida’, não mais em termos de conciliação, e sim de ‘[...] vida como arte; a constituição de modos de existência, de estilos de vida’” (BECCARI, 2017, p.37).



Trecho do livro “O Deus Dinheiro”, Boitempo (2018), com ilustrações do artista Maguma

Outro bom exemplo dessa “modernização” da forma, e atualização do conteúdo anticapitalista, o livro “O Deus Dinheiro” (2017), composto por trechos dos “Manuscritos econômico-filosóficos” de 1844, escritos por Karl Marx em uma fase prematura, o artista espanhol Maguma “traduz a obsessão humana pela riqueza e pela posse através de uma imagética complexa, influenciada por representações ecléticas de distopia - ecoando os universos da arte e da literatura, bem como os da cultura popular e da publicidade” (Nota dos editores do livro “O Deus Dinheiro, Boitempo, 2018). Assim como a história do “Comedor de Árvores”, esta obra dialoga intimamente com a ideia de que o “sucesso” dentro do capitalismo implica, necessariamente, no desequilíbrio e vulnerabilidades de pessoas com acesso restrito ao dinheiro e, consequentemente, aos recursos naturais:

“Cada pessoa especula sobre como criar na outra uma nova carência, a fim de forçá-la a um novo sacrifício, a fim de colocá-la em nova sujeição e de seduzí-la a um novo modo de fruição e, por isso, de ruína econômica” (Marx, 2004, p.139)

Pode-se ainda fazer outra analogia entre a crítica feita por Marx ao Sistema Capitalista e a história do “Comedor de Árvores”, na nota dos editores no livro “O Deus Dinheiro”, quando exaltam a importância das reflexões acerca da relação entre o consumo e a destruição do meio ambiente:

“Somos definidos por aquilo que consumimos e pelo dinheiro que nos permite consumir, de forma que não damos atenção ao que está sendo produzido, nem sequer se precisamos disso ou não. Tampouco atentamos às condições da produção: o mundo natural a partir do qual extraímos à exaustão matérias-primas e o ambiente insalubre da fábrica ou da confecção, onde incontáveis pessoas trabalham em condições desumanas, vítimas de um processo crescente de pauperização e alienação.” (Nota dos editores do livro “O Deus Dinheiro, Boitempo, 2018).

Outra característica da história do “Comedor de Árvores” é a sua atmosfera de realismo fantástico, onde todas as regras de verossimilhança se aplicam ao universo, com exceção do corpo do protagonista Nicolau. Estratégias similares já foram empregadas pelo cinema e pela novela. Como exemplo, temos “A Fantástica Fábrica de Chocolates” (1971). No filme, a criança Violet incha e fica azul, depois de comer uma guloseima sem permissão. Outros exemplos de realismo fantástico são: “O Curioso Caso de Benjamin Button” (2008) e “Jack” (1996).

Nos programas de auditório “Nick Show”, apresentados pelo personagem Nick Santos, os prêmios, as brincadeiras, o estilo e o carisma do personagem, têm como referência figuras como Silvio Santos, Faustão, Luciano Huck, Raul Gil, Gugu Liberato e Chacrinha. Esses traços de sua personalidade remetem à cultura pop televisiva nacional e aproxima o público por uma identificação com contextos que influenciaram de maneira expressiva o comportamento dos brasileiros, especialmente nas décadas de 80, 90 e início dos anos 2000, e ainda reverberam na atualidade, de forma menos contundente.

Existem alguns personagens populares que têm como característica mais importante o fato de serem muito ricos. Em obras como o filme “Richie Rich” (1994), traduzido no Brasil para “Riquinho”, inspirado nos quadrinhos homônimos, da década de 50, o distanciamento entre as classes sociais, entre pessoas com um poder aquisitivo gigantesco e outras desfavorecidas economicamente é o que traz contrastes absurdos e humor para a obra. Ao mesmo tempo, é impossível não pensar sobre os desequilíbrios do sistema capitalista e a desconexão entre a “vida real” e a vida das pessoas que não passam por situações cotidianas, vividas pela grande maioria da população mundial. Nos últimos anos, segundo matéria da CNN Brasil, considerando também os impactos da pandemia de COVID-19, 1% das pessoas mais ricas no planeta acumularam o dobro de riquezas em relação a todo o restante das pessoas.<sup>1</sup> Este fato indica que a vida dos ditos “super ricos” é completamente desconectada da realidade do mundo.

No desenho “Os Simpsons” (1989), de Matt Groening, o personagem Mr. Burns é a figura mais rica de Springfield, uma pessoa mesquinha e fisicamente frágil, que vive cercado pelo seu secretário Smithers. Burns tem muito poder nas mãos e, com ambições ilimitadas, age reativamente frente aos seus traumas de infância, descontando em seus subordinados, os funcionários da usina de energia nuclear, o fato de não ter grandes afetos na vida, para além de sua fortuna e a bajulação de seu “capacho” Smithers.



Mural realizado por Alec Monopoly. Reprodução Instagram do artista: @alecmonopoly.

Outro personagem icônico, quando falamos de cultura pop e capitalismo, é o Mr. Monopoly, do jogo Monopoly, atribuído ao cartunista norte-americano F.O. Alexander. A sua estética e simbologia são a caricatura de um capitalista bem sucedido, um homem branco, de cartola, bigodes vigorosos, de roupa extravagante e representado por vezes segurando sacos de dinheiro. Em cima de sua imagem, e de outros personagens como o “Riquinho” e o “Tio Patinhas”, da Disney, o artista Alec Monopoly produz pinturas que remetem à cultura pop e à arte urbana, onde os personagens são representados em situações de luxo, em meio à moedas, notas e sacos de dinheiro. O “Comedor de Árvores” tem, em sua identidade, uma relação direta com o imaginário gerado pelo personagem Mr. Monopoly, com um pouco mais de extravagância e um ou outro elemento narrativo que respalda a sua imagem de “homem bem sucedido” dentro do sistema capitalista.

<sup>1</sup> “CERCA DE 1,7 BILHÃO DE TRABALHADORES VIVEM EM PAÍSES ONDE A INFLAÇÃO SUPERA OS SALÁRIOS.” (<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/1-mais-rico-acumulou-duas-vezes-mais-riqueza-do-que-resto-do-mundo-em-2-anos/>)

Ao correlacionar o “Comedor de Árvores” com outros personagens caracterizados por serem ricos, pela estética ou personalidade, fica fácil notar que há um imaginário popular sobre um status quase inatingível para as “pessoas comuns”. Este tipo de representação está disseminado, assim como a disputa narrativa sobre o sistema capitalista. O protagonista, objeto dessa análise sobre o capitalismo, o “Comedor de Árvores”, é um recurso poético para questionar os desequilíbrios no mundo, que serve para ilustrar essa inquietação e também para propor algo. Após finalizada a sua saga, onde concluímos que ele, mesmo que respaldando e financiando um mundo insustentável, repressor e violento, também é fruto de um sistema desigual e que, mesmo que desistisse de tudo o que conquistou, ele ainda é submisso.

Um aspecto importante de se considerar, como referência marcante para o desenvolvimento da obra “O Comedor de Árvores”, para além da inquietação política anticapitalista e das suas características estéticas, é a sua relação com as ruas e a construção da poética a partir da intervenção urbana.

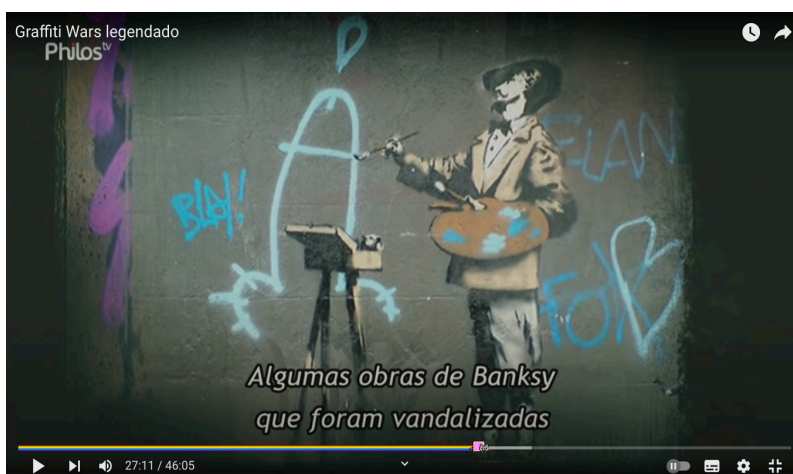


Mural realizado pelo artista Blu, em Lisboa (2010). Reprodução site do artista: blublu.org.

Um dos artistas mais consistentes da arte urbana na atualidade, o italiano apelidado “Blu”, cuja identidade é mantida em sigilo, trabalha com murais em larga escala, questionando os desequilíbrios socioambientais do sistema capitalista. Sua obra, espalhada por diversas partes do mundo, incluindo o Brasil, é disruptiva e questionadora. Este tipo de produção artística, em certo nível, democratiza e torna acessível às pessoas nas ruas as inquietações e contrastes gerados por tais impactos da ação humana na Terra, a partir do viés predatório do capitalismo. Em sua obra, Blu, aborda temas como os conflitos bélicos, o consumismo desenfreado, as culturas de massa, a exclusão social e os privilégios dos grandes executivos e suas corporações.

Outro artista muito reconhecido pelo trabalho de intervenção urbana, Banksy questiona as estruturas de poder, as relações humanas e os seus tabus, que causa polêmicas com sua abordagem artística e por conta da sua identidade ainda não publicamente revelada, apesar de especulações. Como exemplo de sua postura questionadora, em 2018, Banksy elaborou um aparato, instalado dentro da moldura de uma de suas obras, que triturou parte de sua icônica gravura “Girl With Balloon”, originalmente pintado em Londres, em 2002, logo após ser leiloadada por mais de um milhão de libras (cerca de 5 milhões de reais)<sup>2</sup>. Posteriormente a obra semi destruída foi vendida por 139 milhões de reais<sup>3</sup>. Banksy, pode ser considerado um artista de vanguarda, analisando a reflexão de Marcos Beccari:

“Do francês avant-garde, o termo vanguarda designa o aspecto “à frente de seu tempo” dos movimentos artísticos das duas primeiras décadas do século XX, como o dadaísmo e o construtivismo russo. De acordo com o crítico alemão Peter Bürger (2008), em sua Teoria da vanguarda, o objetivo dos vanguardistas era aniquilar a instituição da arte burguesa para reconectar arte e vida. Mas se o termo vida indica alguma coisa que tenha sido perdida, é para servir como fim teleológico, de modo que as categorias artísticas possam ser descritas em termos de evolução. Com efeito, o autor propõe uma teoria na qual a vanguarda assume um papel central para a compreensão da própria história da arte, considerando esta insuficiente para explicar aquela.” (BECCARI, 2017, p.26)



Cenas do documentário “The Graffiti Wars” (2011) - Dirigido por Jane Preston

2 <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/10/18/banksy-diz-que-obra-menina-com-balao-deveria-ter-sido-destruida-totalmente.ghml>  
3 <https://istoedinheiro.com.br/menina-com-balao-obra-de-banksy-volta-a-ser-leiloadada-por-r-139-milhoes/>



Para além de uma postura de vanguarda, o artista britânico, ao meu ver, consolida diversas práticas artísticas contemporâneas em suas ações e, em função dessa atividade, costura um cenário complexo, formado por diversas obras e artistas ao redor do mundo, nas últimas décadas. A utilização de tinta *spray*, o uso de *stencils*, o *graffiti*, o muralismo, o anonimato, a ilegalidade, a crítica ao sistema e o acesso (ou as restrições de acesso) a espaços consagrados da arte e outras controvérsias o tornam uma figura central para compreender a cena da intervenção urbana no mundo de hoje. Existe uma grande valorização de suas obras no mercado da arte, a ponto de algumas prefeituras de bairros na região de Londres, na Inglaterra, terem restaurado obras do artista, que foram vandalizadas<sup>4</sup>. Museus, galerias e até mesmo o mercado paralelo de arte, disputam paredes inteiras ou fragmentos, demonstrando tamanha relevância para o artista e suas obras na atualidade.

No Brasil, temos diversos outros artistas que, por meio de intervenções urbanas ilegais, manifestam as desigualdades do sistema e questionam as estruturas de poder, a marginalização dos corpos negros e periféricos e o próprio mercado das artes, como o paulistano João França, o Negro M.I.A. (Massive Illegal Arts), que ficou nacionalmente conhecido por intervenções como a do Pátio do Colégio, no Centro Histórico de São Paulo, onde escreveu nas paredes a frase “Olhai por nós”<sup>5</sup>, com auxílio de um extintor de incêndio cheio de tinta vermelha. A intervenção ocorreu em meio às pessoas em situação de rua, que se abrigavam em frente à fachada do edifício. M.I.A. também realizou intervenções nas pilastras do Museu de Arte de São Paulo (MASP) e em espaços internos de galerias, como em uma exposição de réplicas do artista Banksy, onde escreveu “Distanciamento social aqui sempre existiu, bem vindo ao Brasil” em uma das obras da mostra. Em outra intervenção, o artista manifestou a ausência de artistas negros na SP-Arte, Festival Internacional de Arte de São Paulo, no pavilhão da Bienal, com a frase perguntando “Cadê a arte preta?”.



Intervenção realizada por Negro M.I.A., no Pátio do Colégio, no centro histórico de São Paulo, em 2018.

4 Documentário “The Graffiti Wars” (2011) <https://www.imdb.com/title/tt2023500/>

5 <https://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/cidades/em-sp-fachada-do-patio-do-colegio-e-alvo-de-pichacao-olhai-por-nos>

Outro exemplo brasileiro, o artista Thiago “Mundano”, realiza murais com a temática ambientalista, muitas vezes utilizando como material os insumos que restam de lugares afetados por desastres naturais provocados pela ação humana, como as cinzas de queimadas no Pantanal, na Amazônia e no Cerrado, e a lama do rompimento da barragem de Brumadinho - MG, em 2019.

Levando em consideração o suporte, a arte urbana e a interdisciplinaridade, que inclui um produto audiovisual, que poderia ser considerado, à medida que a obra se desenvolve como texto e imagem, pretendendo-se uma narrativa potencialmente cinematográfica, surge como referência bastante recente o filme “Entergalactic”, (Netflix, 2022, co-criado pelo rapper norte-americano Kid Cudi), que fala sobre um romance entre dois jovens e tem como *background* a carreira artística do protagonista Jabari, que é convidado a lançar uma história em quadrinhos por uma grande editora, a partir de um personagem que estampa nas ruas, o Mr. Rager, de maneira questionadora sobre as violências do sistema. É interessante notar como o personagem, ao longo da sua jornada, se dedica a construir uma narrativa que contribua de fato com a sua criação em um projeto multimídia.



Concept art do personagem Mr. Rager, do artista James Gilleard, para o filme Entergalactic, Netflix (2022).  
Imagem: reprodução Instagram do artista: @jamesgilleard.

Acredito que as referências citadas transmitem, entre diferentes temas, o que a obra toca. A relação com a cultura popular, as mídias de massa, as características identitárias que compõem o personagem, os contextos e situações onde ele está inserido, a sua narrativa visual, a simbologia, e a crítica ao sistema, passando pela intervenção urbana, o mercado de arte, as relações comerciais, a “cultura do cancelamento”, as distopias e a fantasia, tudo isso modela a obra, de maneira que reafirma conceitos introjetados na sociedade, às vezes de forma mais explícita e algumas vezes permeiam as atitudes humanas de maneira sublime.

## APRESENTAÇÃO

A história de o “Comedor de Árvores” é longa e consiste em uma jornada que começa com os avós do protagonista Nicolau, passa pela história de seus pais, toda a sua infância, fase adulta e velhice. É uma saga complexa e profunda, pois busca ilustrar diferentes pontos de vista das pessoas sobre o sistema capitalista: desde aquelas que nasceram em uma situação de extrema vulnerabilidade e conseguiram “vencer na vida”, como é o caso de Nilson, pai de Nicolau, até aquelas pessoas que possuem uma perspectiva como a do próprio Nicolau, que nasceu em um berço de ouro, literalmente, e nunca soube o que é passar as necessidades da vida de uma “pessoa comum”. Nesse sentido, optei por fazer um recorte narrativo, a partir de momentos marcantes da história, de maneira sintética, com imagem e texto.

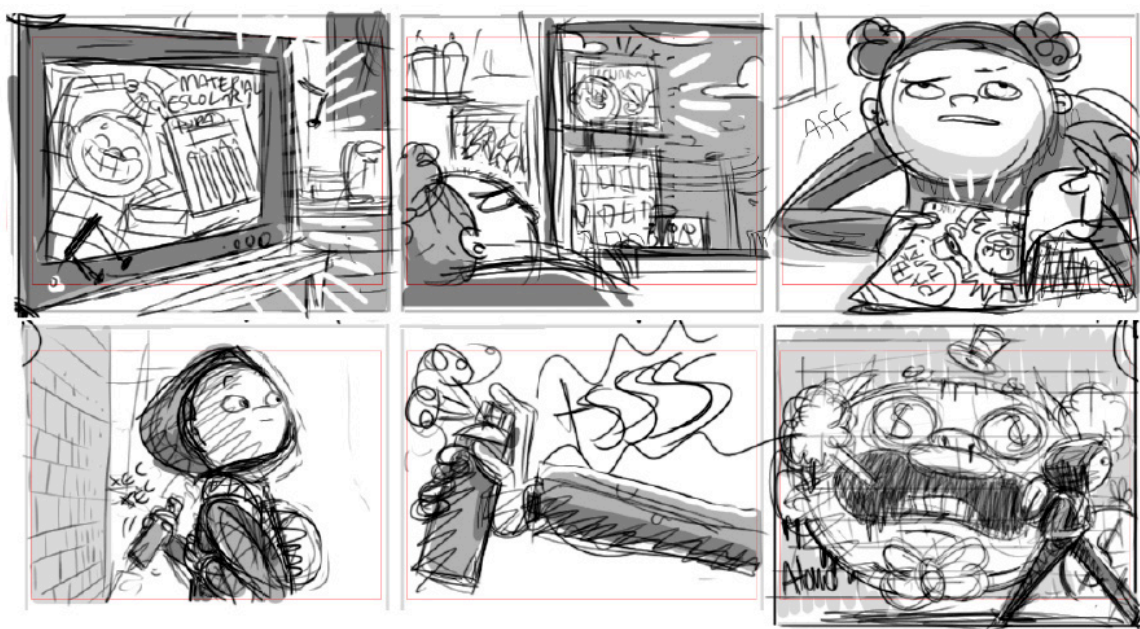
Entendo que o personagem existe há alguns anos e que algumas pessoas são familiarizadas com o estereótipo que o ronda, por conta do imaginário coletivo. Não é atoa que ele condensa diversos elementos que remetem à ostentação, à riqueza e ao “sucesso”, em sua aparência. Ele também representa uma ameaça ao meio ambiente. Agora, porém, eu gostaria que as ruas apresentassem o personagem de forma profunda, onde as pessoas pudessem dialogar, se relacionar com as críticas e os contextos que a narrativa apresenta, com auxílio das intervenções urbanas, como de costume.



Intervenção urbana realizada em Brasília, no ano de 2019.

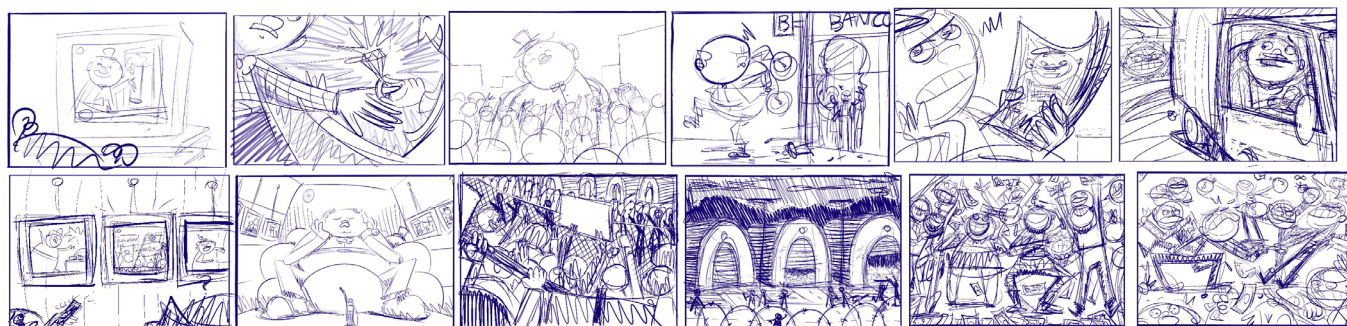
## QUADRO-CHAVE

A obra do “Comedor de Árvores”, vem se desenvolvendo, potencialmente, como um projeto audiovisual. A partir desse fluxo, a minha proposta inicial foi esboçar trechos da história como um “*storyboard*”, que é uma ferramenta muito utilizada em projetos de filmes, séries e em vídeos publicitários, por exemplo, para demonstrar visualmente, de maneira rápida e sintética, o roteiro com a composição dos seus elementos na tela, as transições de cena e os enquadramentos e movimentos de câmera, entre outras informações. O *storyboard* apresenta a história em formato de quadros, como nas “hqs”, porém como recurso técnico para o vídeo, não como um livro propriamente dito. Utilizar esse mecanismo para apresentar a história, seria uma forma de compor o projeto de maneira que ele também possa se tornar uma obra audiovisual. Decidi usar desse recurso para criar uma espécie de roteiro visual da narrativa.

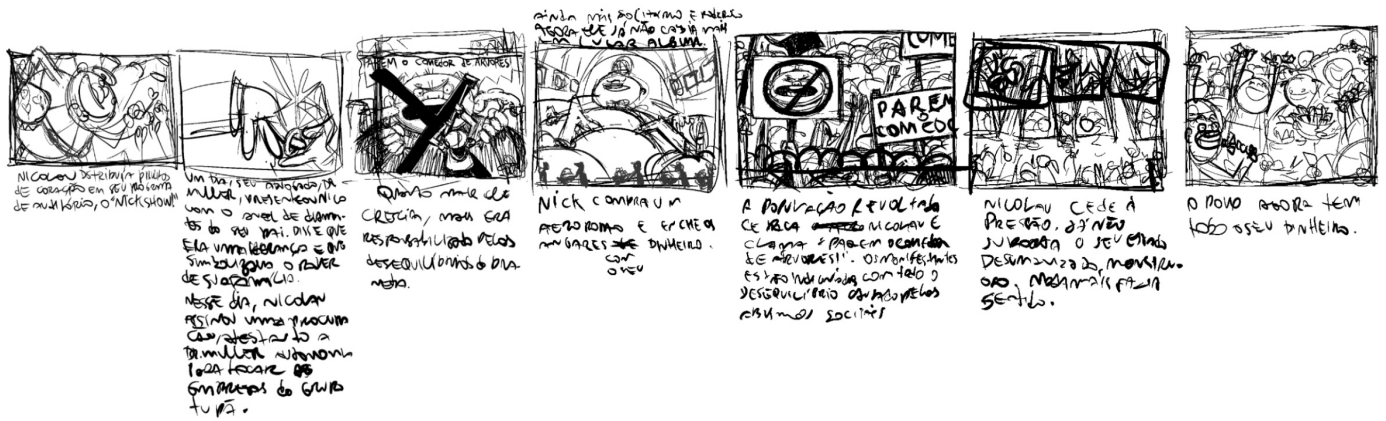


Estudo de *storyboard* para cena da história do “Comedor de Árvores” (2019).

O *storyboard* é composto por “quadros-chave”, como são convencionalmente chamados os quadros mais importantes das cenas a serem animadas, e que serão “interpolados” por outros quadros durante a produção da animação propriamente dita.



Estudo de possíveis quadros-chave para a história do “Comedor de Árvores” (2023).



Estudo rápido, de possíveis quadros-chave para a história do “Comedor de Árvores” (2023).

Escolhi um dos quadros-chave para fazer uma experiência de contar a história pelos muros da cidade, como uma pintura em larga escala. A expectativa era que eu pudesse desdobrar a narrativa pelas ruas, aproximando o público da obra e dando dicas sobre os contextos que compõem a personalidade do “Comedor de Árvores”.



Alguns quadros-chave

Recapitulando, a ideia original é utilizar um dos quadros-chave do roteiro visual (*storyboard*) da obra e apresentar nas ruas, como forma de contar parte da narrativa em uma estética de história em quadrinhos. A intervenção urbana seria registrada e apresentada de forma poética na galeria.

A imagem escolhida para o mural trata de Nicolau sentado em uma pilha de sacos imensos de dinheiro. Os sacos são relativamente proporcionais ao tamanho do seu corpo, pois ele mesmo já possui uma escala bestial, digamos assim. Ele está rodeado de telas de tevê passando os canais da “Rede Tupã”. Em boa parte da programação ele mesmo está protagonizando

os programas ou anúncios que passam nas telinhas ao redor de sua cabeça. Uma das suas mãos segura uma pequena flor próxima ao seu rosto, hábito que ele tinha para se sentir mais conectado à natureza. A outra mão, com um anel de diamantes, repousa sobre um dos sacos de dinheiro, ao seu lado esquerdo. Em primeiro plano, da direita pra esquerda, podem-se notar pessoas em tamanho natural passando, empurrando carrinhos-de-mão carregados com montes de dinheiro.



Quadro-chave escolhido para a intervenção (2023).

O trecho pintado nas ruas da cidade seria um dos últimos momentos do arco principal da história do “Comedor de Árvores”, Nesse trecho, ele se vê desumanizado, solitário, deprimido, perdido e confuso diante do seu sucesso financeiro e empresarial em contraste com a falta de vida social, a falta de carinho, de afeto, cada vez mais distantes, por conta das manifestações de repúdio à sua postura acumuladora e destrutiva com o planeta, que se intensifica na medida que suas empresas se expandem desenfreadamente.

No mural, a minha intenção era escrever algo a partir do seguinte texto:

“Poderoso e solitário, ele já não cabia em lugar algum.

Nicolau estava desumanizado, carente, sem rumo.

Comprou um aeroporto e encheu os hangares com todo o seu dinheiro.

Precisava se iludir de que controlava as coisas.

Já não conseguia ignorar o peso em suas costas.

Ele estava sem saída, em um ciclo de acúmulos.

Foi engolido pelo Sistema.

Ele virou o símbolo de todos os desequilíbrios do Sistema.”

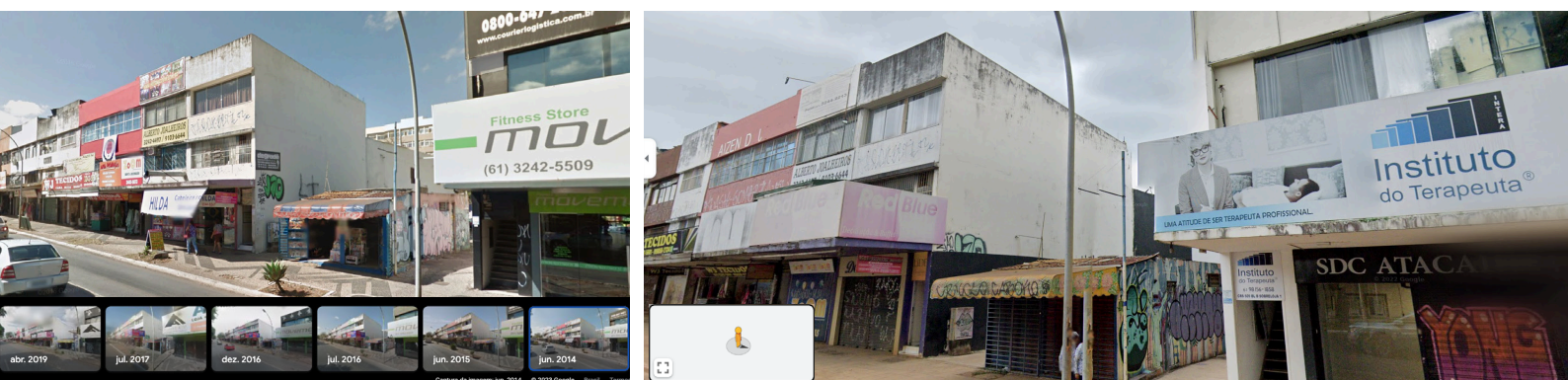
Após esboçar os quadros principais e escolher o quadro que seria pintado nas ruas, inicia-se uma nova etapa, onde necessito escolher coisas como: a parede/local da cidade; escala da obra; cores (ou não); estilo de pintura; materiais; horário de início e tempo total de produção.

## LOCAL

A princípio, minha ideia era realizar a pintura nas pilastras de um viaduto, pois seria uma forma de produzir a obra em grande escala. Dentro das possibilidades de muros na cidade, eu gosto de pensar nas paredes que sejam acessíveis pelas pessoas que circulam não apenas nos carros, mas também nas calçadas e ônibus, que têm uma vista privilegiada das estruturas urbanas.

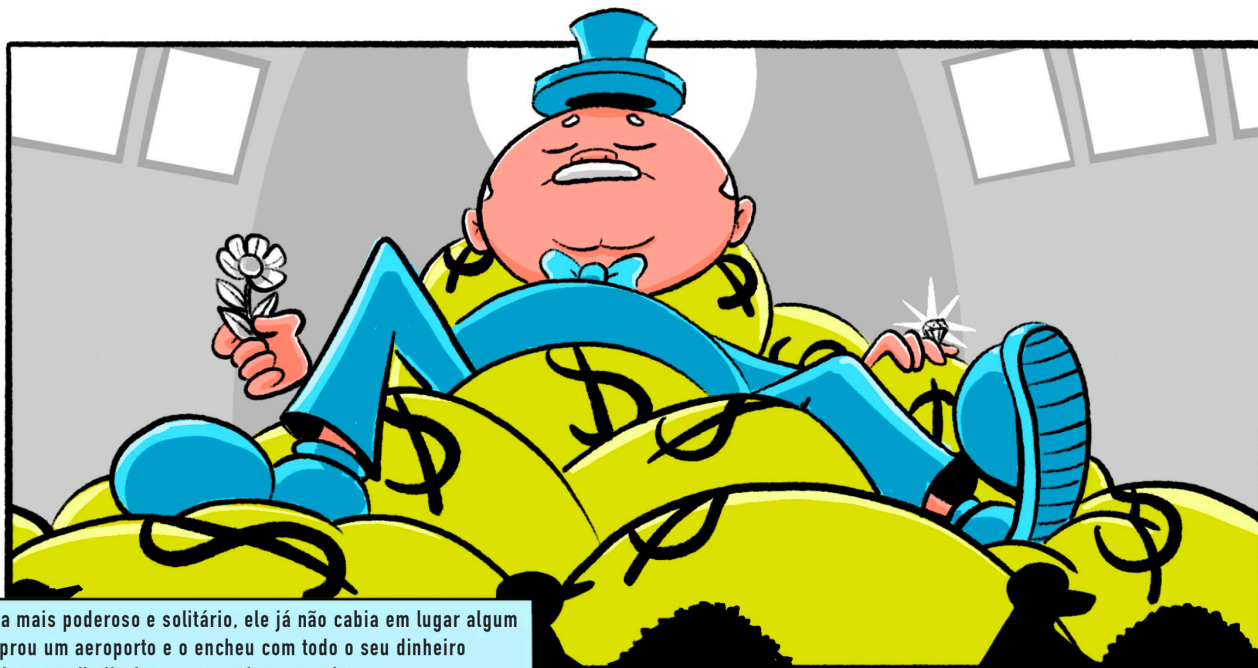
Existe todo um desafio para executar uma obra como essa na rua, pois muitas coisas podem acontecer, muitas interferências, inclusive existe uma ameaça das forças de segurança pública. Hoje em dia é comum ver artistas urbanos serem enquadrados como “vândalos” ao realizarem os seus trabalhos, enquanto o mesmo sistema avalia, seleciona e premia as mesmas pessoas, pelas mesmas atitudes que condena. Eu prefiro acreditar que, como estudante de artes, como artista visual, como artista urbano e também como agente cultural do DF, o meu trabalho é valioso e existe uma demanda social pela arte que desenvolvo, questionando os desequilíbrios promovidos pelo capitalismo.

Após uma pesquisa virtual pelos locais potencialmente interessantes para a execução da pintura, fiz uma visita técnica presencial à parede escolhida, localizada no Plano Piloto de Brasília, na altura da quadra 509 Sul, próxima à avenida W3, que é um espaço emblemático da arte urbana na capital do país.



Imagens do muro, capturadas em junho de 2014 e março de 2022, respectivamente, pelo Google Street View.

O muro em questão é parte de um prédio comercial de 2 andares e apresentava aspectos de deterioração. Aparentemente, o local necessitava de algum tipo de reforma/revitalização na pintura, o que me inspirou na decisão de realizar a arte ali. A ideia da visita era avaliar as condições de execução da obra e a visibilidade por parte do público, a partir das calçadas e veículos que passam na região. Uma coisa importante na análise do espaço para a produção da pintura foi entender a altura que eu conseguiria alcançar com a estrutura que tenho disponível: uma escada dobrável de 9 degraus e um extensor de 3 metros de comprimento. Se possível, a arte deveria cobrir toda a área branca do muro. O estudo para a pintura passou por algumas etapas, a fim de se adaptar às condições para a produção da obra na área definida.



Ainda mais poderoso e solitário, ele já não cabia em lugar algum  
Comprou um aeroporto e o encheu com todo o seu dinheiro  
Precisava se iludir de que controlava as coisas  
Ele estava sem saída, em um ciclo de acúmulos  
Ele virou o símbolo de todos os desequilíbrios do Sistema

Estudos de texto e cores para a pintura. (2023)

## “PODEROSO E SOLITÁRIO”

Considerando as condições da parede para a pintura: altura, estado de conservação, cor, visibilidade do público, a presença de uma câmera de vigilância e a obra do artista “JÃO”, que consta no muro há cerca de dez anos, escolhi uma versão simplificada da imagem, para auxiliar na compreensão dos elementos visuais e textuais, pelas pessoas que estão de passagem pela rua, e também para tornar viável a execução em um tempo mais curto, considerando que não havia autorização prévia para a produção do mural, por parte das pessoa responsável pelo imóvel.

Para mim, no fim das contas, o grande diferencial desta pintura, em relação aos demais murais do “Comedor de Árvores” pela cidade, é que desta vez eu coloco o nome do personagem, Nicolau, e eu informo às pessoas que aquela situação faz parte de um contexto, que envolve escolhas e que trata-se de um recorte de uma história mais profunda, e não é apenas uma crítica genérica ao sistema, mas uma reflexão político-filosófica sobre os desequilíbrios estruturais aos quais estamos todos submetidos.

No dia da execução da obra, o primeiro percalço se deu logo cedo, após descarregar o carro, preparar as tintas e organizar os instrumentos para a pintura. No momento em que iria começar a ação, uma pessoa que trabalhava no edifício interveio afirmando que o responsável pelas lojas do prédio jamais autorizou qualquer tipo de arte nas paredes. Ela afirmou que conversou com a pessoa responsável, disse que este chegaria em algumas horas e que eu deveria negociar com ele, mas que eu certamente não teria sucesso.



Após aguardar a chegada do senhor que poderia decidir sobre a realização da ação, fui ao seu encontro e conversamos. Ao final de muito diálogo, para mim, ficou claro que o meu trabalho como artista, em especial como artista urbano, era visto com maus olhos por ele. Na visão do “dono do muro”, o ambiente dele era refinado demais e deveria ser “clean”, pois seus clientes se incomodariam de ver algo destoando de uma estética “minimalista”, mesmo que o muro estivesse com um aspecto de abandonado. Para ele, pessoas que fazem intervenção urbana são criminosas e devem ser combatidas.

O responsável, que aluga quase todas as lojas do prédio, diz lutar contra “os pichadores” e skatistas há anos e que já não aguenta mais aquele ambiente. Ele diz que gastará uns 80 mil reais em uma reforma no muro e que em quatro anos já não estará mais ali, pois não tem interesse em renovar o contrato, justamente pelos conflitos que ele vivencia ao ocupar aquele espaço. Ainda assim, depois de toda exposição dos seus motivos pelos quais não iria autorizar a execução da pintura, ele me ofereceu o muro para a produção da obra, desde que eu apagasse a arte em uma semana e que eu não dissesse a ninguém que ele tinha autorizado, para evitar que outras pessoas se sentissem encorajadas a pintar também, nas outras áreas do muro.

Durante a conversa, me impressionaram os argumentos e a visão de mundo do responsável pelo muro. Ele me remeteu automaticamente ao conceito da obra que eu iria expor: “Poderoso e Solitário”. Para mim, o muro estava abandonado e uma proposta artística autoral seria uma forma de revitalização do local e poderia ser um atrativo para a cidade. Para ele, seria uma espécie de poluição visual e um convite aos pichadores.

Passou pela minha cabeça ir lá, executar a obra e simplesmente descumprir o combinado com a pessoa que me autorizou a pintar o muro, pois as coisas que ele trouxe durante nossa conversa me revoltaram, especialmente pelo teor racista, em que ele afirmava, por exemplo, que as pessoas que eram “bandidas” no DF tinham preferência por morar em cidades como Ceilândia e Taguatinga, obviamente sem nenhum tipo de base para essa afirmação absurda. No entanto, visando a obra artística final, que irá para a galeria, eu assumi que poderia ser uma vivência interessante, apesar de inusitada, seria uma experiência reveladora apagar o meu próprio trabalho, sob argumentos altamente questionáveis, e encontrar uma forma de compartilhar os conflitos e sentimentos que essa experiência suscitaria. Além do mais, apesar dos meus 15 anos em atividade pelas ruas, como artista urbano, é interessante notar como sempre surgem situações inusitadas, desafios, obstáculos e boas surpresas.



Trecho da obra “Poderoso e Solitário” (2023). Registro por Ygor Chaves



Trecho da obra "Poderoso e Solitário" (2023). Registro por Ygor Chaves

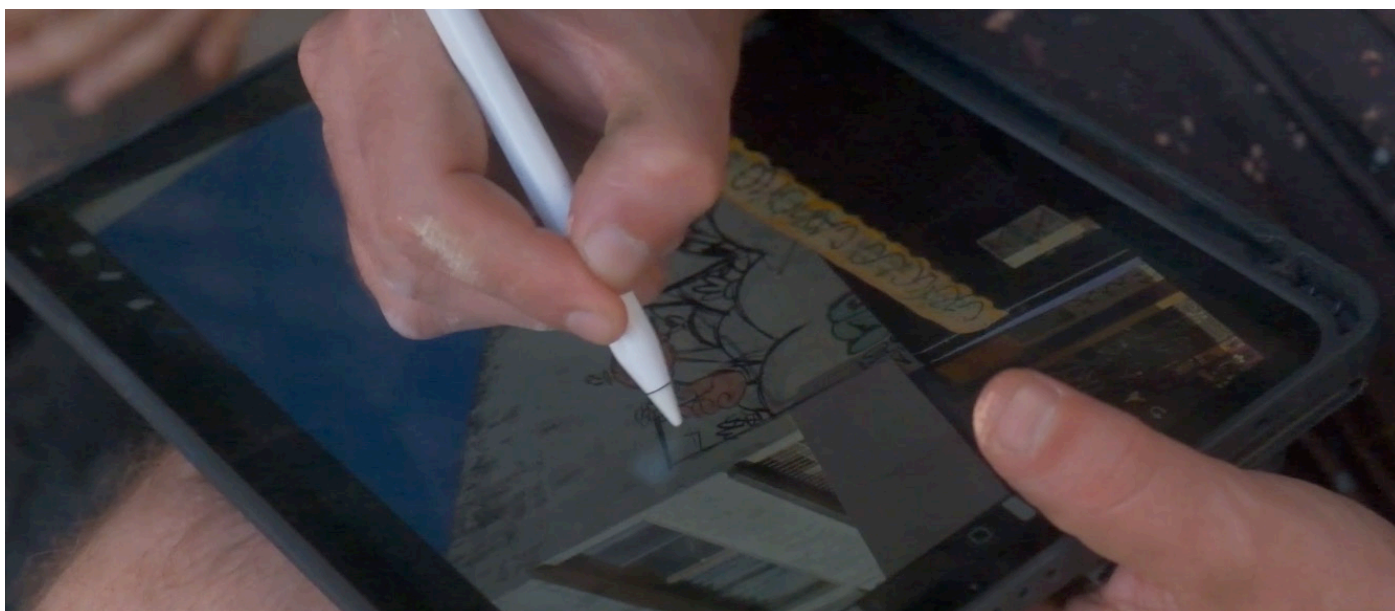
## PINTURA

O mural tinha, aproximadamente, 10 metros de largura por 3,5 metros de altura e foi produzido em um total de 2 dias, domingo e segunda-feira, dias 18 e 19 de junho de 2023, respectivamente, somando cerca de 15 horas de trabalho. O processo de execução da pintura exigiu bastante do corpo, pois a todo o tempo tem-se que subir e descer as escadas e baixar e subir o rolo com a tinta, debaixo do sol, no entanto, eu considero um excelente exercício físico, além de uma boa terapia para a mente. É um trabalho que envolve foco e paciência.

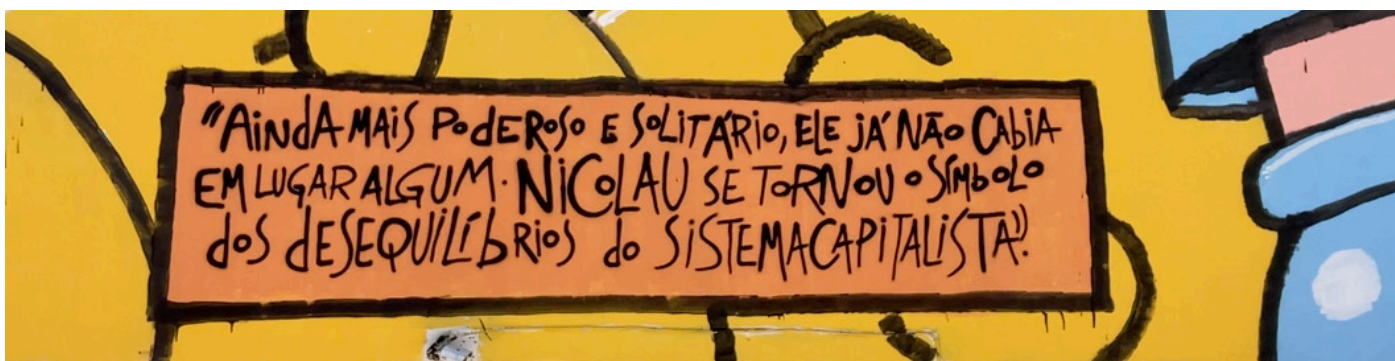


Trechos da obra "Poderoso e Solitário" (2023).

O material utilizado para a obra foi, predominantemente, tinta látex à base de água e corante líquido. O texto foi escrito com esmalte sintético aerosol. No primeiro dia, realizei um novo esboço da arte, marcando diretamente no muro e realizando ajustes, digitalmente, com auxílio de um tablet. Na sequência, iniciei o preenchimento das primeiras camadas das cores. Já no segundo dia, fiz novas camadas de cor, acrescentei os contornos, detalhes, como os cifrões nos sacos de dinheiro, e o texto, ao final.



Trecho da obra "Poderoso e Solitário" (2023). Registro por Ygor Chaves



Trecho da obra "Poderoso e Solitário" (2023).



Registros da obra em desenvolvimento e finalizada.



Registro da obra finalizada.

Na sexta-feira, dia 23 de junho, realizei o apagamento da pintura, com auxílio da artista visual Juliana Borgê, em cerca de 2 horas de trabalho.

Foi a primeira vez que eu apaguei o meu trabalho nas ruas. Acho simbólico que a minha primeira pintura na rua, feita em meados de 2008, ainda esteja praticamente intacta, enquanto uma das minhas mais recentes intervenções tenha sido apagada, por mim mesmo, em menos de uma semana após a finalização. Essa situação ilustra muito bem o tipo de desafio que envolve o trabalho de intervenção urbana. Foi uma experiência extremamente valiosa, inclusive no sentido poético, pois o seu registro se tornou o fio condutor da obra final a ser exposta.

Desde a sua concepção, sempre que entrou em choque com a realidade prática, o projeto foi adaptado com o cuidado de que a sua essência se mantivesse, mesmo que as estratégias mudassem. O contexto que envolveu a produção do mural se conectou com o espírito da crítica que o trabalho apresenta e a tentativa frustrada de deixar nas ruas parte da história do “Comedor de Árvores” virou uma excelente oportunidade para exemplificar a mentalidade que suporta os pequenos e grandes poderes, dentro do sistema capitalista.



Trechos da obra “Poderoso e Solitário” (2023). Registros por Ygor Chaves

## GALERIA

A obra a ser exposta na galeria é um vídeo em loop, com 5'30" de duração, apresentando um paralelo poético entre a cena do "Comedor de Árvores", adaptada de um dos quadros-chave do storyboard em desenvolvimento, representada no mural com o personagem Nicolau vestido de azul, deitado em sacos de dinheiros, segurando uma flor. A imagem é composta pelo texto: "Ainda mais poderoso e solitário, ele já não cabia em lugar algum. Nicolau, se tornou o símbolo dos desequilíbrios do sistema capitalista". As cenas foram registradas durante toda a produção e o apagamento da pintura. O áudio com as reflexões levantadas pelo "dono do muro", provocadas pela arte realizada em sua parede, foi captado no momento em que a obra era apagada. É uma história frustrante, que narra uma experiência artística simbólica, conduzida por um personagem improvável.



Trecho da obra "Poderoso e Solitário" (2023). Registro por Ygor Chaves







## CONCLUSÃO

A obra “O Comedor de Árvores” permanece em desenvolvimento e é a primeira parte de uma trilogia que, pouco a pouco, se desdobra e se consolida a partir de cada nova proposta artística. Trata-se de uma história atual que questiona a postura humana frente a um destino hostil, em que parece cada vez mais inevitável que a ação humana seja responsável pelo fim de sua própria existência, onde o sucesso dentro do sistema capitalista representa a exploração das pessoas e dos recursos naturais à exaustão. A partir dessa análise sobre os efeitos desastrosos do capitalismo, a sequência da história busca trabalhar os meios e apresentar soluções alternativas, de maneira interdisciplinar, lúdica e imersiva, a partir de um universo utópico.

Como sugeri anteriormente, o projeto final apresentado foi organicamente se formando, a cada etapa se ajustando para se tornar viável no tempo e recursos disponíveis. Este trabalho representa parte de uma proposta artística na qual venho trabalhando há anos e faz parte de um caminho que ainda está sendo trilhado. É uma pesquisa contínua sobre como viabilizar cada etapa da produção, com a finalidade de que essa poética possa despertar debates com o objetivo de transformar a sociedade em um espaço plural, acolhedor, ambientalmente sustentável, inclusivo, respeitoso, saudável, e contribuir para que o meu trabalho seja uma ferramenta na construção deste “mundo ideal”.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECCARI, Marcos. Quem tem medo da arte contemporânea. Em: Vários autores. Fluxos culturais: arte, educação, comunicação e mídias. São Paulo: FEUSP, 2017.

MARX, Karl; MAGUMA. O deus dinheiro. São Paulo: Boitatá, 2018.

BLU. Minima muralia. Bologna: ZOOO print&press, 2018.

BANKSY. Banksy: Wall and piece. Londres: Century, 2005.

GRAFFITI Wars. Direção de Jane Preston. Londres: One Productions e Two Four Television Productions, 2011. (47min)

EXIT Through the Gift Shop. Direção de Banksy. Londres: Paranoid Pictures e Publikro London, 2010. (87min)

ENTERGALACTIC. Direção de Fletcher Moules. Reino Unido e Estados Unidos: Double Negative (DNEG), Khalabo Int Society e MAD SOLAR, 2022. (93min)

ARAGÃO, Taís. Arte Urbana: pixação, grafite e ciberespaço. Brasília: Edição Independente, 2020.

KOSHINO, Rodrigo Fernandes. Disponível 8424-0124. Trabalho de conclusão do Curso (Graduação em Artes Plásticas) - Departamento de Artes Visuais, Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

KOSHINO, Taís Fernandes. Entre: uma poética da imagem em movimento. Trabalho de conclusão do Curso (Graduação em Comunicação Social - Habilitação Audiovisual) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

BORGES, Thales Fernando. Sobre o infinito e outras coisas - estudo expográfico. Relatório de diplomação (Graduação em Programação Visual) - Departamento de Desenho Industrial, Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

BORGES, Juliana Costa. Desconhecidos. Trabalho de conclusão do Curso (Graduação em Artes Plásticas) - Departamento de Artes Visuais, Universidade de Brasília. Brasília, 2012.



